

Diário da Manhã

RECIFE — sexta-feira, 29 de Janeiro de 1937

Na cidade e nos Suburbios

PHAELANTE DA CAMARA

FAZ, hoje, 18 annos que morreu Phaelante da Camara. Não devemos incluir esse grande nome na lista tambem grande dos mortos esquecidos. Bem lembrado vem sendo o illustre pernambucano; bem vivo está elle nas paginas dos livros que deixou e nos ensinamentos de civismo que continuam a partir do seu nome sempre á tona, sempre luzindo para a terra em que elle nasceu.

Esse homem foi um gigante, no caracter e no talento. Tribuno, jornalista, poeta, homem de idéas e de parido. Um torturado pela pureza do regimen por que lutára com a palavra, na praça publica e no jornal. Mas, um sonhador tambem, um sonhador a dizer *As verdades ao Sol* — um dos seus livros de versos.

Entretanto, ao sonhador ia juntar-se o pensador do *Duello e Infanticidio*.

Devia Phaelante da Camara ter um monumento na praça publica, mas, não o tem. Não vejam nisso uma injustiça.

O homem, com o seu nome poude constituir-se um monumento na memoria dos seus conterraneos. Vale muito mais essa memoria do que o bronze.

Naquelle tempo bem que se podia falar em belleza de caracter; bem que se podia crêr na existencia da Opinião. Nada causava tanto horror como uma transigencia...

Assim, Phaelante esteve ao lado de Martins Junior. Sua palavra foi tambem base do monumento abolicionista. Companheiro de Ulysses Vianna n'A *Provincia*; e de José Vasconcellos, no *Jornal do Recife*; e de Patrocínio, na *Cidade do Rio*; e de Tito Rosas, Souza Pinto e Arthur Orlando, na *Concentração*; e na *Revista das Artes*, com Tobias, Affonso Olindense.

Gente antiga! Gente séria! Gente gente!...

Duas obras de Phaelante da Camara bastariam para tornal-o eterno em nossa veneração: "Memoria Historica da Faculdade de Direito" e *Maciel Monteiro*.

Não está elle esquecido. O jornalista é lembrado no jornal.

Faz, hoje, 18 annos que morreu um grande pernambucano. E que poeta! E que tribuno! E que jornalista! Mas, sobretudo, que caracter!

CONCERTO SYMPHONICO

Em beneficio da Pinacotheca da Escola de Bellas Artes, realizou-se, hontem, no Theatro Santa Isabel, o annuciado concerto symphonico, com regencia do maestro Vicente Fittipaldi.

A's folhas tantas, lá estavamos, pedindo a Deus pela paz da nossa consciencia intima, pois tinhamos que ouvir: Mendelssohn, Schumann, Lizst. E não era só; tinhamos que ouvir, tambem, *A Casinha Pequenina*, de Ernani Braga.

Uma festa magnifica a que não devia ter faltado essa boa porção de gente de bom gosto que illustra, illumina e doura a cidade.

Muita gente? quer saber o leitor. Muita graças a Deus. Vemos sempre a quantidade através da qualidade. A's vezes gemam a parecer incorporeos os homens e mesmo as mulheres que formam uma multidão.

A' sahida do theatro, quando a festa terminou, uma senhora, entendida em questões regionaes, dizia para um garoto que ia meio bebado de somno:

— Bom, Casusa, foi o concerto de Linda Baptista. Aquil-lo sim!

— Teve Mendelssohn, teve?

— Não!

— Teve Schumann, teve?

— Não!!

— Teve Lizst, teve?

— Não!!!

— Então...

— Cala-te, idiota! Teve Capiba! Teve Sebastião Lopes! "da corôa imperial".